

## **Os Brilhantes do Brasileiro, de Camilo Castelo Branco**

### **Fonte:**

CASTELO BRANCO, Camilo Ferreira Botelho. *Os brilhantes do brasileiro*. São Paulo : Saraiva, 1966. 186p. (Coleção Saraiva, n. 215).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Teresa Cristina Caetano da Silva - Santana do Parnaíba/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## **OS BRILHANTES DO BRASILEIRO** **Camilo Castelo Branco**

### **I**

#### **AFLIÇÕES SUDORÍFERAS**

Em um frigidíssimo dia de janeiro de 1847, por volta das nove horas da manhã, o Sr. Hermenegildo Fialho Barrosas, brasileiro grado e dos mais gordos da cidade eterna, estava a suar, na rua das Flores, encostado ao balcão da ourivesaria dos Srs. Mourões. As camarinhas aljofravam a brunida testa de Fialho Barrosas, como se a porosa cabeça deste sujeito filtrasse hidráulicamente o estanque de soro recluso no bojo não vulgar do mesmo.

Era o suor respeitável da mortificação; o esponjar das glândulas pela testa, quando as lágrimas golfam dos seus poços, e não bastam já olhos a estancá-las. Era, enfim, a dor que flameja infernos em janeiro, e tira dum homem adiposo e glacial lavaredas, como o Etna as repuxa por entre as neves do seu espinhaço.

Sondemos o que se passa dentro daquele corpo, e desinchemos as bochechas do estilo.

Hermenegildo Fialho tinha recebido, às oito da manhã, no seu escritório de consignações e descontos na rua das Congostas, um bilhete da ourivesaria Mourão, convidando-o a entrar naquele estabelecimento, quando pudesse, para negócio urgente.

O substantivo “negócio” abalou-o. O adjetivo “urgente” sacudiu-o.

Pôs o chapéu, revestiu de borracha os pés impermeáveis, afligindo-os; enroscou a cara no “cachenez”, sobraçou o guarda-chuva, e foi impando, costa acima, pelo largo de S. Domingos, resmoneando no íntimo de si: “Negócio urgente!... que diabo de urgente negócio será este com o ourives!?”

— Então que temos? — perguntou o esbofado Barrosas, e sentou-se na gemente cadeira.

E os Srs. Mourões disseram pouco mais ou menos o seguinte: Que, seis anos antes, ele, brasileiro, lhes havia comprado um adereço de brilhantes, composto de gargantilha, brincos, broche e bracelete, por 6.500\$000 réis, com o fim de presentear sua noiva, segundo ele comprador declarara. Que, passados sete meses, pouco mais ou menos, uma mulher desconhecida entrara na loja, e lhes vendera um brilhante desengastado por 250\$000 réis. Seis meses depois haviam comprado à mesma mulher outro de igual quilate e valor. Corrido o mesmo prazo, outro lhes fora oferecido e vendido. Que, no fim dum ano, um ourives vizinho lhes tinha negociado um brilhante de cem libras, o qual lhes despertara reminiscência de ter sido vendido em sua casa; mas, por mais que avivaram lembranças, não recordaram a quem. E, volvido pouco mais dum ano, diverso ourives lhes vendera outro brilhante do mesmo preço, dizendo que o

comprara a um joalheiro espanhol. Não obstante, insistiam em afirmar que as duas últimas pedras tinham já sido deles; sem todavia desconfiarem de roubo. Acontecendo, porém, que oito dias antes, uma mulher com jeito de criada, a mesma que primeiro lá tinha ido, lhes levasse uma pulseira, para se engastarem pedras falsas no encaixe de outras já desencravadas, a desconfiança inclinou-se logo para roubo. Ficou a pulseira, e depressa reconheceram que era de sua casa, e daí a suspeita de que os brilhantes comprados lhe houvessem pertencido. Os dois maiores ainda existiam soltos. Ajustaram-os nos engastes: frisavam perfeitamente. Recordaram com mais seguras probabilidades, e convieram na presunção que a pulseira era parte das jóias do noivado comprados pelo Sr. Barrosas, seis anos antes. E, na incerteza, deliberaram prudentemente reter a mulher, quando ela viesse buscar o bracelete, certos de que, a ser a jóia do Sr. Fialho, por força se praticara roubo, sendo improvável que um sujeito notoriamente rico mandasse vender brilhantes e repor minas novas na pulseira de sua esposa...

— Deixe-me cá ver! – atalhou o brasileiro. – Mostre-me isso!

Mostram-lha.

Era a pulseira de Ângela.

Aquí principiou a borbulhar um sumo gomoso e crasso da testa do homem.

— É de minha mulher, acho eu! – tartamudeou ainda indeciso o Sr. Fialho. – Que é da criada?

— Está na polícia porque tentou fugir. Se vossa senhoria quer, vai um cabo buscá-la.

— Bom será, que eu não posso mexer-me... Parece que me arde o interior! Dão-me os senhores um copo de água, se fazem favor... Isto só no inferno! – prosseguiu o Sr. Barrosas, batendo na testa com os pulsos. – Minha mulher não vendia os brilhantes! É impossível! Vendê-los p'ra quê? P'ra quê, não me dirão os senhores?

— Pode ser que estejamos enganados – observou um dos honrados ourives; - mas o esclarecermo-nos é tão necessário para vossa senhoria como para nós. Se nos iludimos, ficamos contentíssimos e sossegados. As nossas suspeitas não ofendem ninguém senão a criada. Enfim, cumprimos um dever.

— Fazem muito bem – obtemperou o brasileiro; - mas minha esposa não vendia os brilhantes... Roubar-lhos a criada? Isso pode ser; mas... Que figura tem ela?

— Baixa, gorda, mais de meia idade, vestida limpamente.

— Os sinais são dela... Tem uma verruga no nariz, assim do feitio de ervilha?

— Não reparei...

— E um dos olhos assim a modo de vesgo?

— Parece que sim... Ela não pode tardar.

— E então os senhores –olveu o brasileiro com outro gesto de cara e tom de voz mais afinado – se os brilhantes forem meus, como há de isto ser?

— Como há de ser?!...

— Perdi-os, hem?

— Isto é outra questão

— Que questão? Eu acho que não há questão nenhuma... Se os senhores compraram uma coisa roubada...

— Provado o roubo, iremos haver a importância dos dois brilhantes ultimamente comprados ao ourives que nos vendeu; quanto aos que compramos a pessoa desconhecida, posto que já não estejam em nossa casa, restituiremos o seu valor, se vossa senhoria quiser; mas seria justo e honroso que o Sr. Fialho não sacrificasse quem o acautelou, para evitar que lhe roubem as outras jóias. Do contrário, teríamos de nos arrepender dum zelo que nos vem prejudicar...

Neste comenos, chegou a criada com o municipal e cabo de polícia.

— É ela mesma! Cá está a ladra! – bradou o brasileiro. – Com que então roubaste a pulseira de tua ama?!... Diz lá! Não respondes?

A criada abaixou a cabeça, e fechou hermeticamente os beiços, como se receasse que alguma palavra lhe fugisse.

— Que dizes tu, Vitorina? – bradou o amo. – Onde tens o dinheiro dos meus brilhantes? Diz onde está o dinheiro que eu não te meto na cadeia... Declaras ou não? Olhem a ladra que não tuge nem muge! Já viram? Olha que te rebento, mulher! Falas? Roubaste os brilhantes?... E esta! Nem palavra! Justiça com ela! Enxovia, até declarar onde está o meu dinheiro!...

Os circunstantes, espantados do silêncio da criada e talvez suspeitosos dalgum mistério talvez justificativo da inculpabilidade dela, instavam-na a responder.

— Perderia a fala com o susto – aventou o cabo, e sacudiu-a pelos ombros para lhe desemperrar a língua. – Você não pode falar, criatura? Que fez você ao dinheiro dos brilhantes?

— Gastei-o... – respondeu ela, soluçando.

— Ah! Já confessou? – interveio Hermenegildo. – Cadeia com ela, que eu cá vou a casa ver se me falta mais alguma coisa. Há de ir degradedada.

## II

### 1.600\$000 RÉIS!

Estava Ângela na janela da sua casa na “rua do Bispo”, quando o marido surdiu da esquina da “Praça nova”. Reconheceu-o logo pela corpulência redonda. Retraiu-se da janela, e disse consigo, assustada:

— Há novidade! O coração bem mo dizia... Meu marido nunca vem a casa a esta hora! E Vitorina sem chegar!... Que seria!...

O resfolegar de Fialho, escada acima, cobria o estrondo dos pés nos degraus que rangiam.

— Ângela! Ângela! – clamava ele.

— Que é?

— Dou-te parte que estás roubada! – bradou o esferóide.

— Roubada! – gaguejou a esposa.

— Sim! roubada, tu! Aqui tens o teu bracelete sem os brilhantes. Conhece-lo? Vê lá que ladra saiu a tua criada favorita! Um conto seiscentos e cinqüenta mil réis de pedras... foi-se! E tu sem dares tino disto, mulher! Viste?

A pulseira tremia nas mãos convulsivas de Ângela.

E o marido prosseguia:

— Aqui tens! Tirou-lhe as pedras boas, e tinha a pulseira nos Mourões para lhas encravarem falsas. Lá está na administração a ladra, e de lá vai p’ra a cadeia, onde há de morrer; mas o meu conto, seiscentos e cinqüenta mil réis, esse é que não torna.

Ângela chorava, soluçante.

— Não chores, menina! – acudiu o Sr. Barrosas. – Olha que isto não abala a nossa fortuna...

— Ó meu Deus! – balbuciou a senhora, com as mãos nas faces.

— Não te aflijas que eu compro-te outra pulseira, mulher... Deixa-me cá por minha conta a criada; que essa, ou eu não hei de ser Hermenegildo, ou ela há de morrer na enxovia.

— Que infortúnio, Jesus, que infortúnio! – bradou ela desafogando-se a custo dos soluços.

— E ela a dar-lhe! Tem ânimo, Ângela! Já te disse que te dou outra pulseira. Sou muito rico, graças a Deus! Da ladra da moça eu te vingarei!

Ângela cobrou alento, ergueu a face, enxugou as lágrimas, e disse serenamente:

— Não prendas a criada que ela está inocente!

— quê?!

— Vitorina não roubou os brilhantes.

— Então quem diabo os roubou?

— Mandei-os eu vender.

— Tu?! P’ra quê? O dinheiro deles que lhe fizeste? – exclamou o marido, fazendo ambos os pés atrás, e tressuando novos repuxos de aflito suor. – Tu mentes, Ângela! Dizes isso para livrar a criada, não é verdade?

— A verdade é que Vitorina está inocente. Castiga-me a mim, se queres, que os brilhantes foram vendidos por minha ordem – tornou ela com admirável serenidade.

— Que fizeste ao dinheiro, tu? – ululou Fialho, sopesando com as mãos o arquejar do abdome.

— Gastei-o.

— Em quê? Não tinhas o que te era necessário?!

— Tinha; mas... gastei o dinheiro...

— Com quem? com quem? – tornou a perguntar. – Com dez milhões de diabos, com quem gastaste um conto e seiscentos e ...

— Não foi em coisas que me desonrassem, nem a ti...

— Então diz em que foi?

— Não posso.

— Não podes? Raios!... pois não podes? Então quem é que pode?

— Não posso.

— Arrebento! Tu não me cegues, mulher! Olha que eu já te não vejo nem enxergo! Com quem gastaste um conto e seiscentos e ...

— Mata-me que te perdô a morte –olveu ela tranquilamente. – Morrerei sem remorsos nem vergonha. As jóias de minha mãe valem quatro a cinco contos de réis. Faz de conta que estás pago do roubo que te fiz: lá as tens.

— A história não é essa, não é o dinheiro... – replicou briosamente o marido. – O que se quer saber é a quem deste o capital?

— A quem o precisava para não ser infeliz.

— Essa é boa! Então deste um conto e seiscentos e cinqüenta mil réis de esmola?

— Dei.

— Mas a quem? a quem? com dez milhões de...

— Não te posso dizer mais nada, Hermenegildo... A criada está inocente. Não a prendas.

— Há de ir presa até dizer a quem deste o dinheiro

— Ela morrerá sem o dizer.

— Pois há de morrer... – vociferou Barrosas saltando e batendo com os dois pés em cheio no soalho. – E tu... não sei o que será de ti...

— Mata-me que eu não tenho pena de deixar o mundo... – murmurou sossegadamente, mas debulhada em lágrimas, a pálida senhora.

Hermenegildo rolou a sua pessoa fumegante escadas a baixo. Entrou no escritório do administrador, chamou de parte a autoridade, e contou-lhe o ocorrido com a mulher, insinuando o magistrado a sacar da criada o segredo.

— O meu dever é aceitar as declarações voluntárias da criada – disse o administrador. – Não posso incutir-lhe terrores, nem devassar os segredos da vida doméstica de vossa senhoria. Se sua senhora diz que a criada está inocente, a confissão da ré não basta a destruir o depoimento da ama, sendo de mais a mais muito natural que os brilhantes se hajam vendido por consentimento de sua esposa; aliás, desde muito que ela teria dado pela falta. Enfim, sou obrigado a interrogar a ama e a criada, uma na presença da outra.

— Essa vergonha é que eu não quero! – obstou desabridamente o brasileiro.

— O interrogatório há de ser secreto: não há testemunhas que divulguem este ato impreterível de justiça – contraveio a autoridade. – Se sua senhora disser de modo convincente: “a criada cumpriu as minhas ordens”, é certo que a moça não pode ser pronunciada, visto que obedeceu a sua ama; e os desvios dos bens comuns feitos pela esposa não é roubo, nem a cumplicidade da criada é punível. Se sua esposa foi burlada por algum industrial, e quiser declarar-se, o meu dever é seguir o fio do enredo; mas o que eu não posso é interrogá-la sobre segredos da sua vida íntima. Isso pertence a vossa senhoria mediante processo de outra natureza...

— Então... afinal diz-me vossa senhoria que... – interrompeu o brasileiro, zangado.

— Que vou mandar chamar sua senhora...

— Pois chame! – bradou ele. – Este negócio há de aclarar-se... Não se me importa a vergonha nem o diabo! Eu sou um homem de bem, Sr. Administrador!

— Quem o duvida?

— Ninhos atrás das orelhas não nos fazem!

— Com razão...

— O meu dinheiro quero saber que fim levou...

— Essas averiguações é que são delicadas, Sr. Fialho, - aconselhou a autoridade. - E parecia-me razoável e prudente que vossa senhoria as guardasse para o secreto da sua casa.

— Mas ela não o diz!

— Se o não diz a vossa senhoria, menos o dirá a mim ou ao juiz...

— Diz que deu um conto e seiscentos e cinqüenta mil réis de esmolas! O senhor acredita isto?

— Acredito;... porque não? Se ela repartisse por todos os infelizes do Porto essa grande quantia, estou em que não chegaria um pinto a cada pobre.

— Mas então a criada que diga a quem levava as esmolas. Dá-me vossa senhoria licença que eu pergunte?

— Sim, senhor – respondeu o administrador, e, tangendo uma campainha, disse o oficial de diligências:

— Essa mulher que entre aqui sozinha.

Entrou Vitorina.

— Responda ali a seu amo – disse a autoridade à presa.

Hermenegildo assoou-se, fez duas upas na cadeira, roçou no pavimento as espaciaosas plantas, e rompeu neste interrogatório:

— quem roubou os brilhantes?

— Fui eu, senhor.

— Mentas! Os brilhantes foi tua ama que tos mandou vender!

Vitorina estremeceu, fitou o administrador, e gaguejou palavras imperceptíveis.

— Foi sua ama que mandou vender os brilhantes? – interveio a autoridade.

— Não, senhor... Fui eu que os... furtei.

E as lágrimas derivavam-lhe pelas faces copiosamente.

“Esta mulher está inocente!” disse entre si o interrogador.

— Mentos, desavergonhada! – trovejou o Sr. Fialho, jogando com as catapultas dos braços à cara da criada.

— Levemos isto mais moderadamente, Sr. Barrosas, - admoestou o administrador. – ora diga-me, mulher, foi vossemecê mesma que vendeu os brilhantes?

Demorou-se Vitorina em responder:

— Fui, sim, meu senhor.

— A quem?

Repetiu-se a mesma tardança na resposta.

— A quem os vendeu? Aos ourives Mourões? – repetiu o funcionário.

— Sim, senhor.

— Todos?

— Sim, senhor.

— Está vossemecê mentindo. Os Mourões compraram três pedras a uma mulher, que provavelmente era vossemecê, e duas a um vizinho. Como explica vossemecê esta verdade com a sua mentira?

A mulher abafava com soluços.

— Seja verdadeira; vossemecê não roubou os brilhantes; vendeu-os por ordem de sua ama...

— Não, senhor – acudiu a criada com veemência.

— Não me desminta, que logo vai ser sua ama interrogada na sua presença, e ela mesma já disse ao Sr. Fialho que vossemecê não furtou a pulseira.

— O que eu quero – intermeteu-se o brasileiro – é saber a quem tua ama dava o dinheiro.

— Isso é que eu não quero saber enquanto sua senhora se não queixar de que foi lograda fraudulentamente – emendou o administrador do bairro. – Já disse a vossa senhoria que esta repartição judiciária não é confessorário, nem entende com a moralidade dos atos domésticos, entre casados, enquanto eles se não queixam competentemente. Da minha competência é saber como hei de enviar esta mulher ao juízo criminal. Ela teima que roubou os brilhantes; a esposa de vossa senhoria declara que os mandou vender. O meu juízo está feito; mas...

— Então qual é o juízo do Sr. Administrador? – interrompeu o queixoso.

— É o juízo do Sr. Fialho.

— O meu?!

— Sim: o senhor diz que foi sua esposa quem mandou esta ou outra mulher vender as pedras; eu digo o mesmo.

— Mas quem me há de a mim dizer o caminho que levou o dinheiro? Um conto seiscentos e...

— Sua senhora, se quiser.

— Mas esta mulher sabe-o.

— Vossemecê sabe-o, mulher? - perguntou a autoridade sorrindo.

— O quê, meu senhor?

— Sabe o que aquele senhor deseja saber?

— Sabe a quem tua ama dava o dinheiro dos brilhantes? – perguntou o amo com estrondosos berros.

— Que brilhantes?

— Os brilhantes que ela te mandava vender.

— Não me mandou vender nada.

— Então roubaste-los tu?

— Sim, senhor.

Hermenegildo sobrepôs os braços um no outro, transversalmente apoiados no estômago, e começou a dar com eles de modo que tiravam um som de timpanites das cavernas subjacentes.

— Já viram pouca vergonha deste feitio? – gritava ele. – Veja vossa senhora se isto não é para endouecer um homem!

E, levantando-se com prodigiosa rapidez, exclamou:

— Vou consultar, os meus amigos sobre o que devo fazer; vossa senhoria faça a sua obrigação. O negócio é muito sério. Hei de sair com honra desta tramóia. Sou um homem de bem. Quem quiser saber quem é Hermenegildo Fialho Barrosas, pergunte-o aí na praça do comércio do Porto.

— Sei que é honrado capitalista, Sr. Fialho! Quem lhe nega as suas excelentes qualidades?

— Vossa senhoria parece que está disposto a favor dos criminosos! – retorquiu o ricoço, esbofeteando uma mosca na testa.

— Quem são aqui os criminosos?

— Não sei! Não entendo esta balbúrdia!

- Sua senhora diz que mandara vender os brilhantes. Quer que ela seja enviada ao juízo criminal com o labéu de ladra? –olveu o administrador agastado.
  - Não quero isso! Quero saber quem recebeu o dinheiro.
  - Não posso esclarecê-lo.
  - O dinheiro gastei-o eu – repetiu Vitorina.
  - É o que vamos ver.
- Disse, e tangeu de novo a campainha o funcionário, mandando o oficial que intimasse a Sr.<sup>a</sup> D. Ângela a comparecer na administração.
- que vem ela cá fazer?! – exclamou Vitorina com aflição. – Minha ama não tem que fazer nesta casa!
  - Cá se avenham! – disse o brasileiro, e saiu em cata dos seus amigos.

### III

#### RETRATOS DO NATURAL

Os amigos do Sr. Fialho, àquela hora, estavam em grupo na calçada dos Clérigos, à porta do imaculado capitalista.

Hermenegildo chamou-os à sala do primeiro andar daquele prestante amigo dos brasileiros, e falou deste teor:

— Meus amigos velhos! Srs. Atanásio José da Silva, Pantaleão Mendes Guimarães e Joaquim Antônio Bernardo!...

Interrompa-se a apóstrofe, e desenhemos as proeminências morais características destes sujeitos invocados a conferir e alvidrar num pleito de honra.

O Sr. Atanásio tem quarenta e oito anos, é capitalista, casado, sócio que foi de molhados com o Sr. Fialho, bom vizinho, cidadão pacífico, e aos costumes disse nada. Porém, o povo reza que ele, apanhando em flagrante a esposa numa excursão filarmônica às esferas sonoras com um caixeiro, tão duro e miúdo tocara o compasso no caixeiro com a batuta de uma tranca, que o rapaz expulso a coices chegou à terra natal e expirou oito dias depois, contando o segredo a sua família.

A esposa de Atanásio, depois de encerrar-se quinze dias no seu quarto, viu abrir-se a porta à força, fez o ato de contrição para morrer cristãmente, e ia expirar de pavor, quando o marido lhe abriu os braços e disse: “Estás perdoada; mas, se fazes outra, escavaco-te”. Desde então o porte desta senhora reduz as Fúlvias e Marcelas a condições indignas dos gabos históricos. Pecadora que passe por ela é visão que a enjoa e adoenta. As filhas, quando a escutam discretar em virtudes, cuidam que sua mãe é uma mulher da Bíblia.

Quanto a probidade mercantil, Atanásio José da Silva é contrabandista, e, algum tempo, ia mensalmente à estalagem da Ponta-da-Pedra, em três carruagens de recreio, com sua família e as famílias dos dois amigos presentes, receber cortes de seda, cambraias, rendas e pelames ingleses. Conforme à justiça e às manhas do Porto, a firma de Atanásio é das mais acreditadas na praça, e as gazetas, quando escrevem *Atanásio José da Silva*, antepõem-lhe ao nome os adjetivos *honrado e probo*; e, se acontece ir para Caldas ou praias com a mulher, vai sempre o “honrado capitalista com sua virtuosa esposa”.

Pantaleão Mendes Guimarães, quarenta e cinco anos, capitalista, armador, antigo negreiro e “engajador” moderno. Há doze anos que uma frescassa loureira, chamada Francisca Ruiva, lhe coou filtros cupidíneos através das enxúndias do peito, e lhe atorresmou os toicinhos da alma. Pantaleão trasladou do bordel às alcatifas de sua casa a Ruiva saudosa do lundum chorado, investiu-a da governança da despensa, e mais tarde esposou-a, no intento de condecorar socialmente a lama que trouxera do alcouce. E, de feito, D. Francisca Mendes, neste ano de 1847, já logrou a satisfação de se ver também caluniada de “esposa virtuosa” nas gazetas.

Joaquim Antônio Bernardo, negociante por atacado de fazendas brancas, quarenta e um anos, estúpido perversíssimo, antigo gandaieiro, que passara uma doce mocidade subtraindo açúcar mascavo das caixas expostas no Terreiro do Paço, e atual irmão da Misericórdia do Porto e fiscal da mesma. Casou com a mais desbragada polha que deu a Maia, e arreou-a de veludos e cetins para a passear nas praças do Porto com a gáudio dum cornaca vaidoso que expõe o seu elefante ajaezado bizarramente. Esta Lais de trapeira, quando passa espeitorada, recende e trescala o fartum das excreções cutâneas.

Não obstante, a sua recâmara não inveja à de Lésbia o cevo de delícias em que a maiata, Circe digna dos javardos que a esfoçam, ganhou renome que bastaria a felicitar três colarejas. Esta dama já se viu, num periódico, em que se dava conta dum seu baile, nomeada de “ilustre e distinta”. Ambos os epítetos lhe quadravam, ocultos os substantivos. Não o tratavam de virtuosa, porque o localista receou que o termo, revendo ironia, lhe fechasse as portas do seguinte baile.

Eis aqui muito em escorço esboçados os traços dos três amigos de Hermenegildo Fialho Barrosas. Deixá-lo falar agora.

#### IV

#### TRIBUNAL DE HONRA

- Amigos e senhores – prosseguiu Fialho – a razão desta chamada vão vocês sabê-la!
- Você parece que está aflito, Sr. Hermenegildo?! – acudiu magoadamente Pantaleão.
- Se lhe parece!... É um caso de honra e que me há de atirar à cova!
- Ora deixe-se disso! – sobreveio Joaquim Bernardo. – Então os amigos para que servem? Aqui estamos física e moralmente para tudo que for preciso.
- Meus amigos! – voltou o marido de Ângela – acontece em minha casa o mais extraordinário caso que vocês ouviram...
- Como assim?! – interrompeu o marido de Francisca Ruiva.
- Negócio de mulheres!... Poucas vergonhas de mulheres!... Ainda há quem se case!... – esclareceu Fialho intercutando as palavras com uns suspiros que lhe subiam do estômago à mistura com os arrotos de bacalhau assado do almoço.
- De mulheres?! querem vocês ver!... – disse com espanto Atanásio José da Silva.
- Temos maroteira? – perguntou Pantaleão.
- Ouçam lá. Minha mulher vendeu cinco brilhantes da pulseira de casamento que eu lhe dei, e não diz o que fez a um conto seiscentos e cinqüenta mil réis sonante que recebeu pelos brilhantes. Aqui está o que eu tenho a dizer. Os três conferentes levantaram-se a um tempo, cruzaram as mãos sobre os ossos sacros respectivos, e começaram a passear cada um para seu lado.
- Quem primeiro parou e falou do seguinte modo foi o marido da maiata:
  - Física e moralmente falando, sua mulher, amigo Hermenegildo, vendendo os brilhantes e dispondo do dinheiro, deve dizer o que lhe fez, por força ou por jeito. Eu cá por mim pegava dum arrocho, e dizia-lhe: “Ó minha amiga, você diz o que fez ao dinheiro, ou acaba-se aqui hoje o mundo!”
  - Amigo Joaquim – contrariou Pantaleão. – Não voto por esse sistema, e queira perdoar. Vamos por partes. O amigo Fialho desconfia de sua mulher?
  - Eu?
  - Sim: parece-lhe que ela doidejou e lhe fez alguma patifaria?
  - Eu sei cá, homem!... Vejo isto!... Ah! Esquecia-me de dizer que ela diz que deu o dinheiro aos pobres...
  - Bem me fio eu nisso! Essa não amolo eu! – refutou Pantaleão, basculejando nas queixadas um riso galego. – Aos pobres!...
  - Também eu não a engulo! – concordou o irmão de misericórdia. – Que diga o nome dos pobres! Sim! queremos saber quem são os pobres. Física e moralmente falando, se ela o não disser, está provado o crime.
  - Isso está! – obtemperou Atanásio. – E cá, se a tratantada fosse comigo, era negócio feito, percebe você?
  - Você que faria? – perguntou Fialho.
  - Eu?! Eu?! Então você ainda me não conhece? Eu cá era dois pontapés, e rua, percebe você?
  - Isso não são modos! – obstou Pantaleão Mendes Guimarães. – Amigo Fialho, você averigüe esse caso com vagar.
  - Não tenho que averiguar! – recalcitou o marido de Ângela. – É isto que lhes digo. Gastou o dinheiro e não diz em quê.
  - Então, convento com ela! – alvitrou o prudente Guimarães. – Um homem de créditos faz isto. Os amigos digam agora o que entenderem.
  - Eu – opinou Joaquim José Bernardo, descascando os rebordos das ventas infectas – física e moralmente falando, também vou para aí, atendendo a que é melhor não dar escândalo. Você administra-lhe de comer e beber no convento, e não quer mais saber dela.
  - E se lhe puser demanda a mulher?! – lembrou Atanásio.
  - Demanda? Ora essa!... – acudiu Joaquim Bernardo. – Demanda?
  - Sim; vamos que ela pede metade da fortuna, ou o dote de trinta contos com que o amigo Fialho a dotou?
  - O amigo Fialho não tem nada – respondeu triunfantemente o árbitro. – Tudo que ele tem é nosso por uma escritura de dívida. Você tem procuração dessa mulher?
  - Tenho.

— Então que lhe pague com um trapo, física e...  
— Pelo que ouço – interrompeu Fialho – vocês, amigos, decidem que minha mulher se porta mal...  
— Pois isso! – confirmou Pantaleão. – Nem dado nem de graça! Você inda duvida?!  
— Eu, como não tenho desconfiado nem visto nada...  
— Pudera ver... – redarguiu o fiscal da Misericórdia.  
— E vocês tem ouvido falar de minha mulher? – perguntou Fialho.  
— Olhe, isto de falar, fala-se de todas – respondeu o marido da maiata. – Nem a minha tem escapado, cá por certos zunzuns que me chegaram aos ouvidos; mas vêm barrados cá p’ra mim, que eu sei quem tenho...

Pantaleão e Atanásio trocaram uns lances de olhos velhacos, em que Hermenegildo entrou com o seu contingente de fino maroto.

— Isso é verdade – apoiou o marido de Francisca Ruiva. – A gente, se for a dar ouvidos à canalha, está perdida com a sua vida. Um homem tem sempre rabos de palha. Mas eu ando tanto ao seguro cá a respeito da minha honra, que desafio o mais pintado a dizer de minha mulher isto ou aquilo.

Desta vez os olhos de Joaquim encontraram os de Atanásio, enquanto Fialho lá entre si dizia: “Estás arranjado com a virtude de tua mulher...”

— Meus amigos, - disse Atanásio a seu turno – isto é terra de calunias e aleivosias. A inveja vingá-se em nos ferir no mais sagrado de nossas almas. Aqui estou eu que...

O truculento homicida do caixeiro ia fazer o elogio da consorte, quando Barrosas bradou impacientemente:

— Então em que ficamos, senhores?

— Em que ficamos?! – perguntou Atanásio.

— Sim! Os amigos estão aí a palavrear em objetos que não vêm à colação. Ora que tenho eu que as suas mulheres sejam isto ou aquilo? Se são boas e virtuosas, dêem graças a Deus, e tratem de remediar este contratempo.

— Não tem razão de se agoniar, amigo Fialho – contrariou mansamente Pantaleão. – Isto veio ao caso de você perguntar se tínhamos ouvido falar de sua mulher...

— Mas ouviram? – acudiu arrebatado o esposo de Ângela.

— Eu não! – condisseram os três simultaneamente: - mas você bem sabe – ajuntou Joaquim Antônio, ressaltando melhor juízo – que a nós ninguém dizia nada porque sabem que o Fialho e nós somos carne e unha.

— Sim – obtemperou Pantaleão – pode ser que haja alguma coisa; mas pelo que eu sei não perde ela.

— Mas vocês entendem que o dinheiro não foi para esmolas... – repisou o marido incomodado.

— Sim, eu... – murmurou Joaquim.

— A falar a verdade... – disse outro.

— É muita esmola... – concluiu o terceiro.

— Não que o administrador disse que podia ser!... – sobreveio Fialho, casquinando uma risada gosmenta.

— O administrador é um asno! – definiu laconicamente Pantaleão.

— Asno e mais alguma coisa! – obtemperou Atanásio.

— E então dizem vocês – tornou o brasileiro – que eu devo meter já minha mulher num convento?

— Pudera... – apoiou o marido de Francisca Ruiva.

— Deve dar esse exemplo de moral pública! – confirmou o marido da maiata.

— E saber quem lhe comeu os brilhantes para se lhe dar cabo da casta! – adicionou o matador do caixeiro.

— E isto como há de ser? – volveu meditativo o interrogador dos honrados juizes de sua dignidade. – Eu não a quero ver mais diante de meus olhos!

— Também nos parece acertado isso... – conveio um dos três.

— Pois então, é mister que os meus amigos se encarreguem de lhe dizer que se recolha a um convento.

— Não me nego a servi-lo, Sr. Fialho, no que puder ser-lhe útil – disse magnanimamente Atanásio. – Os amigos conhecem-se nas ocasiões, percebe você? Quer então que vamos dizer a sua mulher que é preciso já já entrar num convento...

— Se ela não disser a quem deu o dinheiro, nomeando os pobres um a um... – condicionou Hermenegildo.

— Apoiado! – aprovou Atanásio. – Se o dinheiro se foi em esmolas, então o caso muda muito de figura, acho eu.

— Isso é verdade – consentiu o fiscal da Misericórdia; - mas é necessário que ela não torne a cair na asneira de dar tão grandes esmolas... que eu, amigos e senhores meus, ainda que ela me dissesse os nomes dos pobres, havia de por de quarentena a galga!... Enfim, lá vamos... Amigo Fialho, descanse em nós, e espere-nos aqui.

Sairam os mensageiros, e ficou entregue às consolações do afetuoso dono da casa o agonizado marido.



## CONSIDERAÇÕES PLÁSTICAS

D. Ângela já descia as escadas, encaminhando-se à administração, quando foi intimada a comparecer em juízo. Pela primeira vez, em sua vida de vinte e seis anos, encarava um oficial de justiça, cujo semblante carregado e voz cavernosa a traspassou de susto. O esbirro caminhava de par com ela, dando ao ato uma solenidade policial que fez espanto nos lojista vizinhos. Alguns enviaram os marçanos na cola da pálida mulher de Fialho, e ficaram conjecturando, com variadas hipóteses, por que iria capturada a vizinha.

O administrador, ao ver Ângela, ergueu-se em respeitosa postura, postergando o estilo costumado nesta ordem de funcionários, cujo lance de olhos é sempre fulminante, denotando, nos vincos da fronte severa, a carranca da justiça que os anima e afeia.

Esta desusada urbanidade do magistrado pode explicá-la a beleza de Ângela. A condição dum administrador de bairro, no exercício de suas funções, não há aí compêndio de civilidade que a pula e amacie tanto como uns olhos meigos que obrigam a respeito e amor quando intentam somente pedir comiseração.

A esposa de Hermenegildo Fialho, se não era formosa para causar assombros, tinha direito a ser considerada uma das mais galantes esposas de brasileiros, os quais, naquele tempo, eram os usufrutuários mais ou menos exclusivos das peregrinas burguesas do Porto.

Ângela não era portuense, como oportunamente se dirá; mas, no rosado sadio da musculatura e redondez das formas, pertencia à espécie de beleza sólida e tanto ou que patriarcal que distinguia e avantajava, sobre todas, as senhoras da cidade eterna de há quinze anos para além. E, como vem de molde, deixarei aqui em estilo lamentoso uma saudade à memória daquela raça forte de mulheres quase extinta, e já hoje representada por suas filhas, dessoradas no ambiente impuro dos colégios, e adelgaçadas por uma alimentação francesa que lhes depauperou a opulência do sangue herdado.

Orvalharam-se-me, há dias, estes olhos, quando, passados anos de ausência do grande confluente das famílias do Porto, volvi às praias da Foz, e reconheci a custo as belas damas da minha mocidade. Fora de lisonja, eram ainda grandiosas reminiscências dos esplendores da formosura antiga, sem impedimento da superabundância de tecidos moles que lhes almofadavam as espáduas e quadris: o que, porém, entristecia era ver as filhas destas sadias mães. Britânicamente esgrouviadas, delatando a magreza na aderência dos trajos aos ossos escarnados, as filhas das sebáceas belezas de 1850 assustam a alma devotada mais fervorosamente ao ideal; que a palidez e o osso não é o prisma por onde poetas costumam entrever as deslumbrantes coisas do céu.

Além doutras causas deste deplorável estiolamento da geração nova, insisto nas que já argüi: colégio e alimentação. O colégio em que o espírito atanazado pelo suplício lento da geografia, da história e da gramática, perde a seiva nativa, e refaz-se a expensas do corpo; de maneira que a idéia se enriquece ao passo que o músculo deteriora: questão fundamental de fisiologia, que importa ser estudada nos tratadistas especiais. Quanto à alimentação, é sabido e notório o progresso perigoso da culinária portuense nestes últimos vinte anos. A cozinha tornou-se a antecâmara da sepultura. As intoxicações, causadas pelas especiarias, sobreexcedem a mortandade feita pelo verdete, pelos fósforos e pelo ácido prússico.

Ora é de saber que as mães destas meninas apenas aprenderam o necessário de leitura e escrita para sustentar uma correspondência honesta e parcimoniosa com os sujeitos adequados ao intento lícito da família e da procriação. De espírito não consumiam coisa que lhes fizesse falta no corpo. A natureza florescia e frutificava desimpedidamente. Pode ser que a mulher ignorasse a forma do Globo e a situação geográfica da Abissínia; mas, em compensação, o rosado das faces e o alabastrino dos ombros pareciam estar pedindo asas para disputar formosura a uns anjos que vos encantam por entre as folhagens e festões dourados das catedrais. Razoável ignorância e sólida nutrição explicam a robustez daquela danosa plêiade de querubins portuenses que levavam os olhos do forasteiro. Homem de Lisboa, que entrasse no teatro de S. João, recordava-se de S. Carlos como quem se lembra de ter visto aquelas almas brancas e lívidas das formidáveis visões do florentino; ao mesmo passo que os rostos carminados das filhas do norte realizavam o mais vivaz colorido do pincel flamengo.

Pois saibam que vai volatilizar-se da terra portuguesa essa raça de mulheres que nossos filhos já não hão de ver. Eu não deploro este desaparecimento somente por que me sinto levado na corrente em que derivam as graças plásticas do meu tempo: esse egoísmo não cabe na minha alma. Lamento, sobretudo, a sorte dos meus netos, se eles tiveram bastante espírito para se não contentarem com o amor dos puros espíritos. Volvidos cinquenta anos, neste andar, se a mulher assim continua a sutilizar-se, a conservação da espécie não me parece provável. A meu ver, o fim do mundo está-se anunciando na delgadeza, secura e descarnamento da fêmea. Virá uma geração em que mulher e homem se defrontem, não já para se quererem e amarem, se não para discutirem igualdade de direitos entre espírito e

espírito, entre osso e osso. Chegado o gênero humano a essa extremidade, acabou-se este Globo, que me parece ser o mais ordinário de todos.

Não era, todavia, assim quando existiam mulheres como a do brasileiro Hermenegildo Fialho Barrosas.

Alta e refeita; cabelos castanhos; testa larga e escantuda; sobrolhos pretos; pálpebras amortecidas com aquele doce cansaço do sono irresistível; faces que as rosas não deixam ser trigueiras, mas que um primoroso apreciador do belo desejaria menos carminadas; beiços arqueados pelo molde da pequena boca, ainda pequena quando o riso mostra o esmalte dos dentes; pescoço alto, quebrando em ondulações de jaspe e torneios de espáduas e noutras ondulações que o cantor da Ilha dos Amores sabia descrever lindamente colhendo nos pomares as suas graciosas analogias: tal era Ângela. Tal era?! Que presunção! Quem soube aí descrever uma beleza mediana por maneira que vingasse retratá-la no espírito do leitor? E que direi da mulher que, à feição de Ângela, sobrelevava às de mais graças o realce dum suavíssimo colorido de candidez em que transluzia alma sublimada e cheia de poéticas tristezas!

Que admira, pois, que o administrador do bairro cortejasse com afável sombra a esposa de Fialho, sendo que, já de antemão, propendia a protegê-la das iras um tanto brutas do mazorral marido?

— Minha senhora – disse ele, mandando retirar os circunstantes, menos a criada – seu marido acusa esta mulher de lhe haver roubado uns brilhantes...

— Meu marido engana-se – interrompeu Ângela. – Os brilhantes, que a minha criada vendeu, fui eu quem os mandou vender.

— Mas a sua criada confessou ter sido ela quem...

— Já sei que ela confessou; mas não creia vossa senhoria senão o que eu lhe digo. Esta mulher está inocente. Pode vossa senhoria mandá-la embora sem receio, que estou pronta a declarar por escrito que mandei vender os brilhantes da minha pulseira.

O funcionário sentia sinceramente não ter mais que fazer neste lance, em harmonia com o código administrativo. Quisera ele, com qualquer motivo judicial, prolongar a sua interferência nos negócios domésticos da linda criatura; mas não lhe ocorria coisa que lhe desculpasse a curiosidade, ou, mais exatamente, a fulminante ternura que o alvoroçara. Não obstante o acanhamento natural destas paixões de assalto, o bacharel, que não era já verde, e podia com a gravidade do aspecto honestar o intento, animou-se a entrar no mistério dos brilhantes com a seguinte pergunta:

— Vossa excelência tem bastante confiança no amor de seu marido?

Ângela pôs os brandos olhos no semblante do interrogador, silenciosa e desconfiada do intento de tal pergunta.

O administrador insistiu, esclarecendo:

— Pergunto eu, minha senhora, se, provada a inocência da sua criada, vossa excelência conseguirá explicar a venda dos brilhantes sem irritar o gênio de seu marido, motivando suspeitas...

Atalhou Ângela:

— Mandei vender os brilhantes para fazer bem a uma pessoa infeliz.

O funcionário receava transpor muito além a baliza do seu ofício, averiguando a espécie de filantropia que uma esposa honesta escondia de seu marido; mas o pecado da curiosidade, desculpado pela beleza da interrogada, esporeou-se até à indiscrição de perguntar-lhe:

— E essa pessoa infeliz é... é pessoa de quem seu marido possa... suspeitar... relações... menos louváveis?

Ângela doeu-se, ou, mais ao certo, pareceu corrida da pergunta, corando, e baixando os olhos silenciosa.

O administrador não instou, já convencido da impureza da caridade. Faltava sólida base para tal juízo; mas a malícia humana, se algumas vezes infama, adivinha outras. Desta vez, porém, o magistrado adivinhava apenas que naquele mistério o coração era grande parte.

— Bem – disse ele, violentando-se a respeitar o segredo alheio de sua alçada. – O que tenho averiguado é que vossa excelência mandou vender os seus brilhantes, e que a criada obedeceu às ordens de sua ama.

— Certamente.

— Pode portanto vossa excelência retirar-se, quando quiser, e a sua criada também. E estimarei – ajuntou ele com intencional mas delicada ironia – que vossa excelência consiga conciliar à sua boa ação a complacência do Sr. Fialho.

Deu ares de o não perceber a pálida esposa do brasileiro. Ergueu-se, e saiu. A criada, limpando as lágrimas, acompanhou-a.

## VI

### AMIGOS DO SEU AMIGO

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

